

Ópera Na Prisão – Don Giovanni 1003 Leporello 2015

PAULO LAMEIRO

plameiro@samp.pt

Resumo

Neste artigo apresenta-se uma visão pessoal do trabalho desenvolvido em torno do Projeto Ópera na Prisão

.

Palavras-chave:

Ópera, Música, Inclusão, Prisão, Participação, Envolvimento, Educação Artística.

Abstract

This article presents a personal vision of the work developed around the Opera in Prison Project

Key concepts:

Opera, Music, Inclusion, Prison, Participation, Involvement, Arts Education.

O filho da Ivone

O filho da Ivone está preso. Foi assim que o contramestre da filarmónica anunciou que iríamos visitá-lo a Vale de Judeus, no estabelecimento prisional de Alcoentre. Nunca soube o nome do recluso, pois para os músicos mais velhos da banda a Ivone era seguramente o principal motivo dessa vontade em visitar o rapaz. Estávamos em 1981, e na Sociedade Artística Musical dos Pousos, a SAMP, o êxito de então chamava-se “Variedades”. Um grupo de filarmónicos com seus familiares e amigos ensaiavam semanalmente e apresentavam-se por romarias e salões num espectáculo de música ligeira, danças, cantares e rábulas brejeiras. Decidiu-se que ao visitar o filho da Ivone se deveria levar o grupo de Variedades para “animar os presos”. E assim se iniciou a experiência performativa SAMP em contexto prisional, tendo então aí dirigido o meu primeiro concerto dentro de uma prisão. Não sobraram fotos desses tempos. Animar foi mesmo o objectivo único do espectáculo. Não se pensava em reintegração, em humanizar, em experiência artística ou participação. E depois perante o moroso, difícil e estranho processo em fazer passar instrumentos, sistemas de luzes e som, e mais de 40 artistas para dentro da prisão, até as preocupações musicais que tinha desapareceram por

completo e delas não guardo uma única memória.

Aprendi, contudo, nessa primeira aventura prisional que, perante uma sala com cerca de 200 reclusos, as artes se evaporam instantaneamente se em palco entram meninas bailarinas. E é muito difícil, após o êxtase da plateia, voltar a recuperar uma comunicação tranquila entre artistas e público. Foi aqui que ficaram os meus pensamentos durante algum tempo. Porque se perturbavam tanto estes homens, e descontroladamente, com a presença feminina em palco? Em 2004, mais de 20 anos depois, parece que havia esquecido este episódio quando cometi um dos maiores erros do projecto Ópera na Prisão. Mas a escolha de Don Giovanni não foi por certo alheia à memória que guardei do momento em que, como maestro do espectáculo, não sabia o que fazer nem o que dizer aos artistas naqueles minutos sem fim de um concerto que parecia perdido. Com a ajuda dos guardas tudo se recompôs, e acabamos por sair em braços de Vale Judeus. Desde os anos 80 do século passado até 2003 a SAMP, instituição centenária de utilidade pública, e uma banda filarmónica como 800 outras de todo o país, sedeadas na pequena aldeia de Pousos, a 4 quilómetros de Leiria, continuou a fazer animações musicais em contexto prisional, maioritariamente nas quadras natalícias, e em

celebrações litúrgicas de baptismos e crismas de reclusos. Do filho da Ivone mais nada soube. Tal foi a emoção de naquele dia gerir o concerto, que só guardo uma imagem de ver os músicos mais velhos da banda a abraçar, em monte, um homem que me pareceu mais velho do que havia imaginado para filho da Ivone.

SAMP 100 limites ao som

A SAMP, depois de criar uma Escola de Artes em 1991 com ensino oficial de música, decidiu retomar o lema dos seus músicos fundadores. Foi o senhor João, trabalhador rural com muitos outros para o Barão de Viamonte, então governador civil de Leiria, que pediu ao seu patrão alguns instrumentos musicais que lhes permitissem aprender música, e assim aliviar aos fins de semana a violência dos trabalhos nos campos da sua quinta. Político progressista, e com a ajuda financeira do seu amigo Eça de Queirós, a quem sucedeu no cargo, comprou e ofereceu os ditos instrumentos sendo a banda fundada em 1873. O lema SAMP de hoje é pois: “mais importante que colocar músicos em palco, é colocar a música na vida das pessoas”.

Assim, para além de uma banda filarmónica, um coro, uma orquestra de jazz, e uma escola de música, a instituição desenvolve um vasto conjunto de programas de arte na comunidade. Das grávidas aos

estados terminais, do serviço de pediatria aos cuidados paliativos, dos lares de idosos aos jardins-de-infância, das crianças com deficiência à unidade de dor do hospital de leiria, das comunidades ciganas ao estabelecimento prisional, são mais de 20 já os programas artísticos SAMP fora das suas portas.

Quando em 2002 o projecto âncora SAMP, o Berço das Artes (música, teatro e dança para crianças dos 0 aos 5 anos de idade) deixou de conseguir integrar todos os bebés e crianças com deficiência que de forma crescente o procuravam, por incapacidade dos profissionais, percebemos que era essencial formar os nossos professores da Escola de Artes nas competências da integração. A musicoterapia foi o primeiro caminho, que depois se alargou às terapias expressivas, e mais tarde acabaria por levar à criação do actual NSAS, Núcleo Saúde com Arte SAMP. É este núcleo que organiza bianualmente o EISA, Encontro Internacional Saúde com Arte, onde procuramos conhecer os principais protagonistas e correntes a nível Europeu e mundial no território dos projectos que desenvolvemos, e onde reflectimos sobre os nossos próprios caminhos. Foi na sequência dessas primeiras reflexões que decidimos sair da escola e dos palcos e actuar juntos das pessoas no seu contexto. Em especial das pessoas

para quem a presença da música pode ser a única alteração consciente das suas rotinas. Fizeram-se visitas a várias instituições, dos deficientes profundos às associações de cegos e surdos. Mas houve um grupo de pessoas que reuniu consenso entre toda a equipa SAMP como prioridade para uma intervenção musical fora de portas. Os doentes mentais crónicos do Centro Hospitalar de Leiria, que, ironia do destino, habitavam e ainda habitam hoje aquela que foi a quinta do barão onde nasceu a SAMP, que entretanto por vicissitudes da história brasonada, foi parar às mãos do Ministério da Saúde. Assim nasceu o projecto “100 limites ao som”, cujos resultados apresentados em vários momentos públicos e comunicações académicas, despertaram a atenção de uma professora de Português que trabalhava no Estabelecimento Prisional Regional de Leiria, a prisão Comarcã, como é ainda hoje conhecida na cidade. Na altura não percebemos como podia haver qualquer relação entre a população prisional e o grupo de doentes mentais crónicos com que trabalhávamos em ambiente hospitalar. Mas não faltou muito para descobrirmos quanto existe de comum entre os dois universos.

Arnaldo – tudo menos ópera

Um grupo de reclusos estava reunido na sala das visitas. Só as cadei-

ras de dentro estavam preenchidas pois não havia familiares nem amigos. Eram não mais de 30, e com a professora de português que nos havia convidado, estava o senhor Director do Estabelecimento Prisional e uma psicóloga. Ao ser apresentado ao grupo, e referindo que a escola lá de dentro iria passar a ter também aulas de música, o Director apresenta-me como maestro (nome frequentemente dado aos músicos que não tocam nenhum instrumento em partitular) e como cantor de ópera. De imediato se levanta um dos rapazes da minha ala direita, e com entoação rouca e decidida proclama: tudo menos ópera!!! Era o Arnaldo de quem viria a ficar amigo. Alguns anos mais tarde encontrei-o a arrumar carros num parque da cidade, e correu para mim a gritar a cavatina do Fígaro. Fígaro quá, Fígaro lá... Mas estou-lhe especialmente grato porque foi aquele desabafo espontâneo que deu o mote ao projecto que marcou os últimos anos da minha vida.

Eram homens de todas as idades os que então habitavam a comarcã. Alguns oriundos de casos mediáticos da Justiça, e muitos ainda em prisão preventiva aguardando julgamentos há anos. Recordo-me do Carlos, muito distinto de todo o grupo nas atitudes e interesses. No ano em que terminou o projecto, e 3 anos depois de ser preso, foi

jugado não culpado do seu crime. Com ele começou a história dos reclusos meus conhecidos que sempre afirmaram não ser culpados, e que na hora do julgamento o Juiz lhes dá razão. Esses anos entre 2004 a 2006 foram essenciais à equipa SAMP para conhecer as rotinas e condições de trabalho numa prisão, bem como para aprender as diferentes linguagens e universos de cada um dos agentes que aí habitam: os reclusos, que se agrupam em clãs em função das suas hierarquias e histórias pessoais, os líderes desses grupos, os guardas prisionais, a equipa técnica multidisciplinar, o Director, o Chefe dos Guardas, algumas visitas mais habituais dos reclusos, os enfermeiros, os visitantes, e os professores, que escolhemos para nossos parceiros neste primeiro Ópera na Prisão. Ficou claro depois do primeiro encontro que o projecto seria de Ópera. Por isso à SAMP e aos seus músicos era necessário juntar um encenador e uma coreógrafa.

Como queríamos avaliar o impacto do projecto nos comportamentos e atitudes dos seus participantes, acolhemos como parceiro um encenador que era também psicólogo clínico, o João Lázaro. Com ele a psicóloga do estabelecimento prisional implementou um inquérito incluindo um grupo de controlo, que 2 anos mais tarde viria a con-

firmar o que observávamos dia a dia: aumento significativo da auto-estima e autocontrolo dos reclusos participantes. A coreógrafa Clara Leão envolveu as bailarinas da sua escola, e trabalhou com os professores que então ensinavam no estabelecimento prisional, maioritariamente mulheres.

Foi na busca de uma ópera a mostrar aos reclusos, com o objectivo de os apaixonar pelo universo do teatro musical e do canto lírico, que preparámos uma sessão para ver o Don Giovanni na célebre encenação de Peter Sellars. Aqui os solistas principais são dois gémeos pretos, e tudo decorre no Bronx em Nova York onde Don Giovanni é traficante de Droga. Estava aceso o rastilho. Afinal a Ópera tinha a ver com as suas vidas e amigos, muito mais intensamente do que alguma vez poderiam ter imaginado.

O Director do Estabelecimento Prisional, João Pessoa, era conterrâneo de Aristides de Sousa Mendes. Falámos muito da sua terra, e do restauro tanto tempo adiado da casa de um homem que salvou milhares de vidas desobedecendo aos seus superiores e contrariando todas as regras legal e nacionalmente estabelecidas. Quando lhe sugeri que poderíamos juntar as mulheres reclusas aos homens do projecto, era uma prisão também com mulheres, apesar do chefe dos guardas se

ter manifestado frontalmente contra, ele aceitou. E foi bom, porque no instante em que elas entravam na ala prisional para ouvir cantar os homens, o alvoroço e conflitos gerados foram tais que a equipa de segurança de imediato teve de apartar os géneros. E eu evoquei então a primeira experiência prisional em Vale Judeus 23 anos antes, e percebi que não basta uma boa ideia e um punhado de homens de boa vontade para entrar numa comunidade prisional e envolver todos os seus agentes. Temos de conhecer bem o perfil e as vidas de cada uma das comunidades que aí habitam, porque são várias, e respeitar alguns procedimentos internos a um estabelecimento prisional que para um projecto de artes performativas são sempre limitações e obstáculos de grande escala e muitas vezes incompreensíveis.

Leporello é o verdadeiro herói

E foi nesta primeira fase do projecto Ópera na Prisão que o criado Leporello destronou o senhor Don Giovanni. Ao longo das várias sessões de reflexão sobre cada um dos personagens da Ópera, em que as intenções do libertista de Mozart Lorenzo da Ponte foram comentadas pelos reclusos, começou a emergir a figura de Leporello como o personagem mais discutido e visitado de todo o enredo. Aquele criado com que inicia a ópera logo a “aparar as jogadas mais

suas do patrão”. Sempre disposto a tudo aceitar, mesmo que aqui e ali tente reivindicar alguns direitos. Como nas suas vidas a “tentar apanhar todas as sobras do chefe”. E depois a ária do catálogo. Naquele pedaço de música, que viriam a cantar centenas de vezes, se consubstanciaram as suas múltiplas histórias de amores, as viagens por países sonhados, o desmascarar das artimanhas do chefe, o cardápio de “mulheres para todos os gostos e épocas do ano”. O sentimento de identificação e pertença ao mundo dos Leporellos era muito superior ao desejo de ser Don Giovanni. Estava eleito o protagonista da versão prisional, e provado o facto, para quem dúvidas tivesse, de não haver senhores presos, mas sim criados.

Quando ainda não sabíamos muito bem que forma ia tomar o espectáculo final, e esbracejávamos a tentar fazer emergir a música clássica na amálgama de tantos géneros musicais cultivados e conhecidos dos reclusos, percebemos que não teríamos mulheres para cantar os papéis femininos. A opção foi a de apresentar somente a partitura masculina de Mozart. E se o herói era Leporello, pois que fossem todos Leporellos. O senhor Don Giovanni não iria ter somente um criado, mas um séquito deles. Não sendo possível ter reclusas a cantar, as mulheres, que desde o início os reclusos reclamavam em “pal-

co”, foram bailarinas convidadas e algumas professoras da escola do estabelecimento prisional que, separadas por um andar e dois gradões, mas à vista de todos por um vão coberto de rede, ali coreografaram a abertura e o baile da ópera.

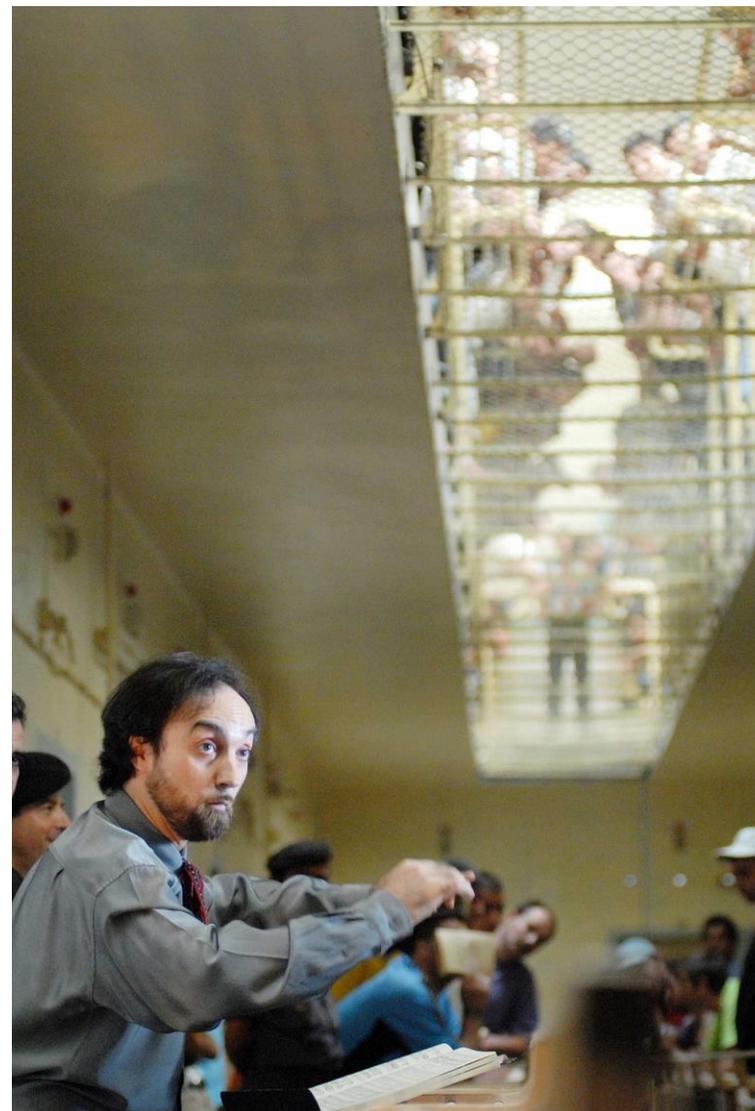
O compromisso inicial era dar umas aulas de música, mas o envolvimento da equipa de psicólogos e os testes realizados para avaliar o impacto do projecto no seu decorrer acabaram por lhe reforçar a dimensão terapêutica e de reintegração. Era objectivo de toda a equipa observar e validar as mudanças verificadas nos reclusos do projecto quando comparados com o grupo de controlo, mas ainda assim foi a experiência artística que mais nos estimulou a nós, equipa musical, e claramente ao grupo. Sem qualquer apresentação no exterior do estabelecimento prisional, e sem uma sala com o mínimo de condições para apresentar um qualquer espectáculo no seu interior, optámos por fazer o concerto na ala prisional com 3 pisos. Conseguimos que o piano de acompanhamento fosse substituído por uma orquestra, e sabíamos que era fundamental para aquele grupo de Leporellos contracenar com um verdadeiro Don Giovanni. E foi mesmo o barítono português Luís Rodrigues que voluntariamente, como todos os profissionais SAMP neste primeiro projecto Ópera na Prisão, com eles

cantou o papel principal da Ópera de Mozart. Alguns guardas prisionais envolveram-se no concerto como intérpretes, e tiveram como instrumento as portas das celas que se espalhavam por toda a ala prisional. Num improviso feito sobre temas mozartianos, a orquestra acompanhou guardas solistas a tocar o fechos e batentes das portas. Sabíamos que aquele espaço nunca mais seria o mesmo, para os reclusos que tendo vivido aquela experiência como cantores ou como público ali voltassem a passar ou entrar naquelas celas, e para a equipa de profissionais que ali trabalha diariamente.

Em face dos resultados quisemos continuar e desenvolver o projecto. Era preciso mais tempo de programação e planeamento. Era necessário mais trabalho de equipa, e uma equipa mais multidisciplinar. Os tempos para os profissionais do ensino artístico já não eram bons nos primeiros anos do milénio, e não era possível desenvolver o Ópera na Prisão sem apoios. As horas de voluntariado possível bateram no fundo do saco. Foram, pois, tempos de candidaturas, públicas e privadas. Foram 10 anos a mendigar e a receber não. Parecia que o projecto estava destinado a ficar mesmo fechado naquelas celas da Comarcã de Leiria. Sem nunca desistir, ano após ano, a equipa SAMP continuou a escrever e reivindicar que este projecto tinha de

continuar. E foi então que a Fundação Calouste Gulbenkian abriu concurso para o programa PARTIS. Fomos selecionados para a primeira fase. As portas das celas voltaram a abrir-se.

Nas imagens seguintes, um dos primeiros encontros com os reclusos, com o Psicólogo e encenador João Lázaro, a coreógrafa Clara Leão e Paulo Lameiro – 2003 e Paulo Lameiro e o barítono Luís Rodrigues numa das récitas apresentadas no Pavilhão do Estabelecimento Prisional Regional de Leiria – 2005.





Maestro Sérgio Ventura dirige Orquestra SAMP na Estreia do Projecto Ópera na Prisão em 2005

PARTIS – 2014 – O Pitch e o presidente do júri

A espera aguça o desejo, e depois de 10 anos a fazer candidaturas para o projecto ÓPERA NA PRISÃO, às mais diversas entidades públicas e privadas, a chegada de fumo branco do programa PARTIS foi uma bênção para toda a equipa da Escola de Artes SAMP. Deve registar-se desde já que o PARTIS foi, desde o seu início, muito mais que um parceiro financeiro para um projecto artístico de objec-

tivos sociais. Depois de um demorado e complexo processo de selecção documental, a Fundação Calouste Gulbenkian chama às suas salas de conferências os autores de um primeiro lote de projectos, e convida-os a partilhar cada uma das ideias, e justificar as opções tomadas. Eram quase 30 as instituições presentes, e a simples necessidade de apresentar, e argumentar, cada projecto, foi o princípio de um programa em que todas as partes se fecundam, promovendo novas dimensões a cada uma das propostas iniciais, e estimulando laços inesperados entre agentes que aí se conhecem pela primeira vez. Mas dos dias desse primeiro encontro a palavra que sobrou foi PITCH. Arte e Reintegração, modelos de intervenção e financiamento, avaliação, desenvolvimento humano, impacto social, ... nada disso. PITCH foi a palavra. Ainda desconhecida de alguns dos presentes, mas era necessário fazer um PITCH, porque nem todos os projectos presentes seriam contemplados com financiamento. Um super Júri iria ouvir 3 minutos rigorosamente cronometrados, sem mais um segundo, e seria necessário vender a ideia nesses 3 minutos, com todos os ingredientes considerados básicos.

Para cozinhar tão delicado e precioso momento, a FCG havia contratado uma equipa, a LOGFRAME, que ali corrigia tons de voz, postu-

ras corporais, ordem de conteúdos, foco, clareza de objectivos, e um sem fim de variáveis que em determinados momentos pareciam provocar quedas vagais e depressões na maioria dos eleitos a oradores. Mas o trabalho desta equipa com todo o grupo, liderada pelo Paulo Teixeira e sob o olhar atento do Hugo Seabra, foi, desde esse primeiro encontro até hoje, parte do sucesso do PARTIS. Todos se envolveram na avaliação da totalidade dos projectos, num raro trabalho de partilha quando a competição por apoios é muitas vezes dramática para a sobrevivência de pessoas e companhias. Pessoas e estruturas sem muita experiência de concepção e produção artística em territórios sociais tiveram de redefinir os seus processos de trabalho. Impacto Social versus qualidade artística foi nesses dias primeiros e continua até hoje o tema de eleição para o confronto de ideias e experiências dos presentes. Os dois encontros anuais que, desde final de 2013, se realizam com todos os projectos PARTIS, têm produzido alguns dos melhores resultados deste programa da FCG. Com parte do território nacional aí representado, alargou-se a reflexão sobre impacto social de projectos artísticos, critérios de concepção e avaliação desses projectos, e cresceu a consciência do muito que já é feito no nosso país neste domínio. Para o ÓPERA NA PRISÃO, e equipa

SAMP, foi especialmente inspirador o professor Américo Peças e o seu trabalho no Chapatô, também a concurso no PITCH que se então avizinhava, e hoje em cada uma das intervenções que faz nos encontros PARTIS.

Mas chegou finalmente a hora do PITCH e de apresentar o ÓPERA NA PRISÃO. 2 minutos e 50 segundos e estava terminado o alinhamento, oferecendo ainda 10 segundos ao júri para perguntas. E as perguntas dos dois jurados que saíram em sorte para o ÓPERA NA PRISÃO, que precisaram um pouco mais de 10 segundos a ser formuladas e respondidas, voltaram a rasgar o PARTIS entre o artístico e o social. Rui Vieira Nery quis saber com iríamos resolver na prisão a existência de tantos reclusos para um pequeno número de protagonistas da partitura de Mozart. A experiência anterior já nos permitia saber que a grande maioria dos reclusos cantaria em coro o papel de Leporello. Mas o presidente do Júri, Nuno Azevedo, estava muito longe das preocupações de Lorenzo da Ponte e seu libreto. Queria saber como iria o projecto ajudar os reclusos a conseguir um trabalho aquando do término das suas penas. O projecto ainda não havia começado, nem tão pouco estava aprovado, mas já nesse dia era claro que antes de emprego os participantes reclusos precisavam conse-

guir outros bens mais básicos, como rotinas de trabalho, vínculos emocionais estáveis com alguém, uma cama onde dormir quando chegar a primeira saída precária, uma pessoa que assine a declaração ao juiz em como aceita receber em sua casa aquele jovem depois da pena, um amigo ou familiar que acredite nele. Eram tão mais básicas as necessidades que o projecto teria de colmatar antes de arranjar emprego aos reclusos, que não foi fácil responder ao presidente do júri dizendo-lhe que trabalho procurávamos alguns de nós cheios de competências ali na sua frente. Ainda assim o Júri mandou queimar papel por forma a sair fumo branco para a Prisão Escola de Leiria. O projecto Ópera na Prisão renasce das cinzas e começa então uma nova aventura que no final de 2016 vai já na segunda edição PARTIS, com um segundo grupo de reclusos, e uma outra ópera de Mozart.

3 Anos – 3 Colheitas

Don Giovanni foi uma aventura programada para 3 andamentos na Prisão Escola de Leiria. Assim é conhecido o Estabelecimento Prisional de Leiria Jovens, EPL-J na cidade do Lis. Ano I – Aproximação dos universos musicais e pessoais da equipa SAMP e das equipas do EPL-J. Ano II – Concepção e realização com os jovens reclusos de

um espectáculo de teatro musical baseado na Ópera Don Giovanni de Mozart. Ano III – Aproveitamento das energias e experiências vividas pelos jovens cantores para estabelecer pontes e contactos entre os reclusos e instituições artísticas das suas localidades de origem.

Sabíamos, pela experiência iniciada em 2003, que o primeiro contacto da equipa SAMP com os reclusos e o seu contexto prisional era decisivo para o sucesso do projecto. Por isso se realizaram várias reuniões de apresentação do ÓPERA NA PRISÃO ao senhor Director e toda a equipa técnica do estabelecimento prisional. Foram feitas visitas a cada um dos territórios da enorme quinta agrícola onde está implantada a Prisão Escola, e estudados os espaços possíveis onde pudessem decorrerem as sessões musicais e a apresentação dos espectáculos líricos. Ainda que não tivesse disso fácil partilhar um projecto que rompia com muitos paradigmas e práticas do sistema prisional, e mesmo que para a Direcção e toda a equipa do EPL-J fosse difícil prever o cumprimento dos objectivos mínimos a que nos propúnhamos, a equipa SAMP foi recebida com o maior dos entusiasmos e dedicação por todos os agentes do estabelecimento, do Director aos guardas prisionais, dos técnicos de reintegração aos reclu-

sos.

No primeiro ano, e logo que ficaram definidos os calendários, objetivos e estratégias com as equipas artísticas SAMP e de reintegração do EPL-J, deram-se início aos primeiros encontros com os reclusos. Primeiro para conhecimento pessoal mútuo, depois para que as diferentes experiências e gostos musicais se pudessem cruzar entre universos muito distintos, também entre os próprios rapazes. Por parte da Escola de Artes SAMP foi definida uma equipa de proximidade, com Paulo Lameiro músico, David Ramy actor, Raquel Gomes terapeuta expressiva, e Ana João produtora, para conduzir o projecto. A estas quatro pessoas juntaram-se, para participações pontuais ou fases específicas de ensaio, cerca de 50 outros instrumentistas, cantores, coreógrafos, cenógrafos, figurinistas e musicoterapeutas. Da parte do Estabelecimento Prisional de Leiria, o principal parceiro do projecto, foi constituída uma equipa com um Chefe de Guardas, Alfeu Almeida, uma técnica superior de reeducação, Carla Pragosa, a sub directora Helena Cardoso, e o próprio Director, de início Lemos da Silva, depois Claudio Pedrosa, e mais tarde José Ricardo Nunes. Durante esta primeira fase os jovens, organizados em 4 grupos de cerca de duas dezenas cada, realizaram um grande número de ofici-

nas musicais. Nestas oficinas partilharam os seus gostos e práticas, do RAP ao Kuduro, e descobriram a música clássica, do Canto Gregoriano às linguagens electrónicas. Ouviram os primeiros cantores líricos ao vivo, e visionaram algumas das óperas mais representativas do género. Discutiram-se os temas, as encenações, as épocas e os estilos. Conheceu-se um pouco melhor quem foi Mozart, e exercitaram-se os primeiros vocalizos. Experimentaram, pelas mãos dos professores de instrumento da Escola de Artes SAMP, a ouvir ao vivo e tocar todos os principais instrumentos de uma orquestra clássica. Prepararam pequenas audições para o interior do estabelecimento, e dois concertos para o exterior. Fizeram algum repertório coral a uma, duas, 3 e 4 vozes, e iniciaram-se a cantar línguas novas, como o latim, o alemão e o italiano.

O segundo ano de projecto foi inteiramente dedicado a preparar a ópera Don Giovanni, e ensaiar a sua apresentação pública com uma orquestra e cantores profissionais. Foi entregue uma partitura integral da ópera a cada recluso, e iniciaram-se os ensaios ária a ária, concertante a concertante, dueto a dueto. Antes, discutiu-se muito a história desta ópera, o que é fazer um libreto, a diferença entre uma canção e uma ária, e cada recluso analisou a personalidade dos prin-

cipais personagens do enredo de Lorenzo da Ponte. Ouviram-se várias versões das mesmas árias, memorizou-se, frase a frase, toda a ópera, e aos ensaios de grupo juntavam-se aulas individuais de técnica vocal para os rapazes que manifestaram vontade em ser solistas, independentemente das suas aptidões musicais ou vocais. Chegou o encenador, e com ele as oficinas de expressão dramática. Depois a coreógrafa e o Kuduro deu lugar ao minueto. Muitos inventaram mil desculpas para não terem de fazer aqueles gestos e movimentos estranhos, até ao momento em que se ensaiaram os passos que previam a existência de um par feminino. Todos passaram a querer dançar, sem acreditar ainda que iriam receber nos seus braços em palco as próprias mães ou namoradas.

A chegada da orquestra à prisão foi um abanão em todos nós. Não o chegar, mas o estar ali todos os dias com a naturalidade de um corpo de guardas prisionais. Por muito que lhes fosse dito, para os reclusos isso nunca iria acontecer. Até esse dia era só mais uma de muitas miragens e doces com que lhes acena o sistema, mas que acaba por nunca se realizar. E ainda assim os violoncelos e os trombones estavam ali, no meio de espingardas e carros celulares. E como não bastassem os instrumentistas, chegou o momento de contracenar com

verdadeiros cantores de ópera profissionais. Foi aí, nesse primeiro ensaio com solistas, que as vidas de todos os presentes ascenderam a um patamar raro de exaltação e êxtase. Daqueles corpos frágeis e um pouco assustados saíam sons que abanavam cada uma das grades. Como era possível um ser humano ter dentro de si tamanho poder? Confessava o Jackson no final da aria da Dona Ana: ó Paulo, mande-a calar porque se continua a cantar assim eu meto-a no saco do piano e levo-a para a cela! Ao aperceber-se da preocupação da cantora em causa apressou-se a descansá-la: não é isso que está a pensar, é mesmo só para cantar para mim.

Montou-se um teatro de ópera dentro da prisão, com palco, plateia e frisas. Inicialmente previsto para a velha cerâmica, por razões de segurança aconteceu na serração já desactivada. De tudo fizeram os reclusos, cenografia, adereços, iluminação, figurinos, produção, frente de casa, e... cantaram. Ninguém que assistiu às duas únicas récitas vai esquecer este Don Giovanni. O Director da prisão cantou o papel de Comendador. O Comendador foi morto em cena por um Chefe de Guardas prisionais. As namoradas e as mães juntaram-se aos quase 30 Leporellos em palco para com eles dançarem 3 minutos. Levantaram-se velhas serras mecânicas e antigos madeiros mor-

tos há décadas para darem espaço a uma ópera que abriu as portas da prisão à comunidade para no seu coração ir assistir a uma récita irrepetível. Estava consumado o projecto artístico do Ópera na Prisão, mas ainda estávamos longe do objectivo mínimo que lhe foi previamente estabelecido: que pelo menos um dos reclusos do projecto, depois de sair em liberdade, escolha integrar um projecto artístico na sua área de residência, e exista uma instituição disponível e interessada em o receber. Porque o problema a resolver com este projecto é a altíssima percentagem de reincidência no crime de jovens que já cumpriram uma primeira pena.

Por isso o terceiro e último ano do projecto foi para identificar instituições artísticas das localidades de residência dos jovens reclusos, e motivar os seus directores a receberem estes rapazes quando terminarem as suas penas. Algumas reuniões por todo o país, uma primeira apresentação entre jovens e instituições dentro do estabelecimento prisional, e depois um compromisso público assinado por algumas dessas instituições. Acompanhar as primeiras saídas de precária, visitar os primeiros rapazes que saíram em liberdade, e estabelecer pontes foi o desafio deste terceiro e último ano.

Dona Elvira no salão nobre do Conservatório Nacional

Podem ser muito interessantes os projectos e as actividades que os reclusos têm dentro de uma prisão. Contudo, se nada mudar cá fora quando eles saem, a probabilidade de voltarem a entrar é muito elevada. Por isso se procurou envolver o maior número possível de familiares e amigos dos reclusos neste projecto. Dadas as enormes dificuldades financeiras de grande parte das famílias, os familiares não visitam muito estes rapazes. Por isso, os ensaios para os envolver na ópera tiveram que decorrer em Lisboa, de onde é originária a maioria do grupo. Para o primeiro encontro foi escolhido o Conservatório Nacional para espaço de ensaio.

Havíamos contactado telefonicamente com todos os familiares que se mostraram disponíveis, por informação dos reclusos, e este primeiro ensaio revelou de imediato a enorme dificuldade em conseguir juntar estas pessoas. As que trabalham têm agendas com muito pouca margem de negociação com os seus patrões, e as que não trabalham revelam uma enorme dificuldade em planear um simples ensaio que tem de começar e acabar a uma hora determinada, e decorrer num espaço previamente definido com outras pessoas, para quase todos desconhecidas. Não foram por isso nada fáceis os primeiros

ensaios com famílias, e nesse primeiro dia, 9 de Dezembro de 2014, foi no largo Camões que a equipa SAMP ficou de se encontrar com os 12 familiares interessados. Nenhum estava à hora marcada, e somente uma hora depois podemos começar com os únicos 3 que decidiram vir de facto. Um primo, um irmão e uma mãe. A mãe era a dona Elvira, não a mulher enganada por Don Giovanni, mas a verdadeira mãe do Diogo Varela, um dos nossos cantores. Fomos para a sala de Conferências, e mais tarde para o salão nobre. Aí vocalizámos. Aí contámos a nossa ideia do que era o projecto Ópera na Prisão. Aí ouvimos e sentimos o que vai na alma de uma mãe com um filho na prisão. Uma mãe de coração grande e cheio, disposta a aprender a dançar minuetos de Mozart e fazer vocalizos para estar com o filho mais alguns minutos, mas já gasta de lágrimas. “Eu agora já não choro mais” afirma perentoriamente, e com uma convicção tão grande quanto a alegria que lhe escorre por todo o corpo de saber poder vir a dançar em palco com o seu Diogo. Foi da mãe Elvira que tanto aprendemos sobre as relações de quem está preso com aqueles que cá fora os esperam ou não. No primeiro concerto em que os nossos jovens cantores se apresentaram num teatro fora da prisão a cantar com os seus familiares contávamos com 9 pessoas, mas aparece-

ram quase 30. Mais um desafio inesperado para a equipa de segurança, e ao mesmo tempo o início de um envolvimento que tem vindo a crescer até hoje. Os familiares e amigos a cantar e dançar com os reclusos em palco e fora dele, são a mais poderosa das ferramentas para ajudar à sua reintegração. Na maior parte das vezes integração, porque na verdade a maioria nunca esteve integrada na comunidade onde vive.

O convite da Gulbenkian – aventura radical

No final da récita dentro da Prisão Escola de Leiria, o Director do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, Risto Nieminen, que havia ido até à cidade do Lis para ouvir o trabalho dos jovens reclusos, desabafou para quem o acompanhava: já assisti a muitos Don Giovanni, mas deste nunca mais me vou esquecer. E assim nasceu a vontade de levar o projecto até ao Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi um contratempo no projecto que precisava implementar a terceira fase de contactos com as instituições exteriores ao estabelecimento prisional. Mas impossível deixar de aceitar este desafio, em que os reclusos teriam a oportunidade de cantar com a própria Orquestra Gulbenkian. Foram mais 5 meses duros de trabalho fora do plano, gerindo conflitos de muitas nature-

zas, numa produção artisticamente suicida e na sua componente de segurança um teste nunca antes realizado. Com um único ensaio geral (ainda assim sem parte dos familiares), sem possibilidade de testar algumas das soluções musicais, de encenação e de luz previstas, mudando a abertura da ópera para uma obra completamente nova já depois de terminado o ensaio geral, só por uma supermotivação por parte de todos, o profissionalismo de toda a equipa da FCG, e a genialidade de Mozart, se conseguiu o milagre de não deixar cair a récita. É ainda cedo para se conseguir fazer um balanço e uma avaliação do que ali aconteceu, porque à ópera juntou-se ainda a crítica à arte contemporânea. Nas horas que antecederam a récita, e estando impedido de sair do edifício, todo o elenco teve direito a 3 oficinas pelo serviço educativo do museu da FCG com a presença física de algumas das instalações mais significativas do acervo.

O São Carlos e um Don Giovanni chamado Carmen

E finalmente os nossos cantores tiveram a oportunidade de ir a um verdadeiro teatro de ópera. Estava para entrar em cena a Carmen, e lá se marcou uma ida até Lisboa. A novidade foi levarmos dois grupos, os presos e os livres. Uns com carrinha celular e segurança, outros de metro, carro e autocarro. Sim, porque a mudança radical de

comportamento de muitos destes cantores valeu-lhes apreciações positivas por parte dos técnicos e juizes, favorecendo por isso saídas mais cedo do que o previsto. Um almoço rápido no Mac e lá fomos todos assistir a um dos ensaios pré-gerais da Carmen. Sabiam a história, até cantavam a aria de Escamilho *Votre Toast*. Já não eram guardas e psicólogos que ali se sentavam na plateia do São Carlos a tomar conta duns bandidos, como tantas vezes disse o Diogo, era um grupo de pessoas que se havia apaixonado pela ópera e pelo fazer música em conjunto.

Links com notícias e informação do projecto

Quando Estou a Cantar Não Estou Preso

<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-07-24-Quando-estou-a-cantar-nao-estou-preso>

Liberdade Para Leporello

<http://www.tiagofigueiredo.com/liberdade-para-leporello/>

Sinais Fernando Alves - TSF

http://www.tsf.pt/vida/interior/reclusos_de_leiria_interpretam_opera_don_giovanni_3921965.html

Jornal Público

<https://www.publico.pt/2014/05/09/local/noticia/reclusos-de-leiria-interpretam-a-opera-don-giovanni-1635310>

Encontro Internacional Saúde Com Arte

https://www.youtube.com/watch?v=zeiIHZtD3aY&index=12&list=PLu_egjW1AlpfWPiEg9-NyRVVJEnfqKdr

Texto de Francois Matarasso

<http://arestlessart.com/2015/10/26/against-the-odds/>